

TRADICIONAL-REGIONALISMO FREYRIANO: A TRAJETÓRIA INTELLECTUAL DO AUTOR ANTES DE “CASA GRANDE & SENZALA” (1918-1926)¹

Renato Pereira Gomes²

E-mail: renatour20@hotmail.com

Universidade Federal de Goiás

Faculdade de História

RESUMO

Este artigo trata da trajetória intelectual de Gilberto Freyre antes de se tornar um dos antropólogos, sociólogos e historiadores mais importantes do século XX, ou seja, antes da publicação de “Casa grande e Senzala”, em 1933. O recorte temporal abrange o período de 1918 a 1926. 1918 é a data em que Freyre começa a enviar artigos para o Brasil, quase que quinzenalmente; 1926 é a data do 1º Congresso regionalista do Nordeste, evento encabeçado pelo autor e que marca a configuração final do regionalismo por ele entendido e forjado.

Palavras-chave: Gilberto Freyre, Regionalismo, História intelectual, Tradição, Nordeste

ABSTRACT

This article deals with the intellectual history of Gilberto Freyre before becoming one of most important anthropologists, sociologists and historians from the twentieth century, i.e. before the publication of "The Masters and the Slaves" in 1933. The chosen time frame covers the period 1918-1926. 1918 is the year Freyre starts to send articles to Brazil, almost fortnightly. 1926 is the year of the 1st Northeast Regionalist Congress, which was headed by the author and also marked the final configuration of regionalism as understood and forged by him.

Keywords: Gilberto Freyre, Regionalism, Intellectual History, Tradition, Northeast

Gilberto de Mello Freyre, assim que termina seus estudos primários em Recife, em 1917, parte para os Estados Unidos para graduar-se, acabando por ir um pouco além, obtendo o título de *magister artium*, em 1922, título esse equivalente ao nosso “mestrado”, em Ciências Políticas e Sociais, tendo como professor e mestre o antropólogo Franz Boas. O trabalho final para obtenção do título é sobre a “Vida social no Brasil em meados do século XIX,” onde podemos perceber as características gerais

¹Este artigo da continuidade ao meu trabalho de conclusão de curso “Regionalismo Versus Modernismo na década de 1920: A reação de Gilberto Freyre contra a negação do passado rural-colonialista brasileiro” realizado sobre a orientação do Dr. João Alberto da Costa Pinto.

²Possui graduação em História pela Universidade Federal de Goiás e graduação em Gestão de Turismo pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

que vão nortear o pensamento do sociólogo pernambucano por toda década de 1920, algumas delas perpassando toda sua vida acadêmica. Nota-se também a influência que sofrera do historiador e amigo Oliveira Lima, que conheceu em ocasião de sua formatura, quando este fora patrono de sua turma.

Nesse trabalho Freyre descreve em minúcias aspectos da vida cotidiana brasileira, rural e urbana. A forma como começa e termina o ensaio é interessante se levarmos em conta que ele não concatena os argumentos dos assuntos estudados. Assim, começa, sem apresentação inicial, a descrever o atraso brasileiro em relação ao europeu, em seguida passa a descrição do sertanejo, cita a grande quantidade de escravos no país chegando à situação impensada de alguns ficarem ociosos, e termina falando das condições de higiene nas cidades, sem maiores explicações, ficando a impressão de que o trabalho está inacabado, e que começara sem introdução, surgindo de forma abrupta. No entanto, alguns de seus maiores postulados já aparecem nesse trabalho, como o que aponta para a forte miscigenação ocorrida no Brasil, ressaltando que fora menos acentuada no Sul; o tratamento brando dados aos escravos, chegando a compará-los aos operários ingleses, que não tiveram a melhor sorte de serem escravos no Brasil, pois teriam tratamento de anjo se comparado à vida que levavam na exaustiva Inglaterra industrial (FREYRE, 2009); e menciona, pioneiramente, a vida sexual no Império, dando atenção para essa especificidade brasileira, pois é essa característica que nos dá o legado da miscigenação (FREYRE, 2009).

Além disso, o autor trata ainda de descrever as atividades nos grandes engenhos de cana-de-açúcar; o uso de mão-de-obra escrava em várias atividades, seja na zona rural ou nas cidades; a vida da mulher no Império; dos estudantes; das crianças; das festas religiosas, mencionando que a religião é que promovia o entretenimento na vida cotidiana dos habitantes; analisa as casas coloniais e os móveis que preenchiam os espaços e as disposições que os moradores davam a eles; terminando por descrever as condições de saúde pública e de higiene, sendo essas extremamente precárias. Esse ensaio mostra que Freyre, desde cedo, está preocupado em retratar, idealizando algumas vezes, a vida colonial em um passado recente, tendo algumas características desse passado como modelos a serem resgatados, principalmente no Nordeste, onde estaria concentrado o que há de mais brasileiro no Brasil, pois a presença do *modernismo* ainda não penetrou de maneira contumaz na sociedade nordestina. Discurso que mudará de tom assim que o historiador recifense tomar nota do que está a

acontecer em Pernambuco em meados da década de 1920, seja por notícias recebidas ainda no exterior, seja com os próprios olhos assim que volta de sua estada no estrangeiro, sendo que já fora do país começa a apregoar que os valores tradicionais não devem ser rechaçados, e sim atualizados, entrando em sintonia com o progresso “sadio”, não o progresso que pretende a tudo renovar, destruindo sem critério bens culturais ou valores benéficos já enraizados, em nome de um pretensão *modernismo* pasteurizante.

Não à toa que Gilberto Freyre, na série “Da outra América,” publicada no *Diário de Pernambuco* até agosto de 1922, sugere, entre outros tantos assuntos abordados, que se reafirmem esses valores tradicionais em prol da conservação da cultura nordestina e pernambucana. A exemplo disso, fica a indignação de Freyre a respeito da mudança paisagística ocorrida no Recife antigo, quando, entre outras medidas arbitrárias, houve uma autorização para derrubada de árvores que compunham o ambiente: “Que pena se tenha ido a Lingueta! E que pena que se tenham ido as velhas árvores nossas, a fáceis ordens estúpidas!” (FREYRE, 1921); ou quando sugere, em outro artigo, que no Brasil as mulheres se organizassem em clubes ou associações para redecorarem as salas de visitas da burguesia brasileira, ou as “tornar mais toleráveis a olhos artísticos”, e ainda, que essas mesmas mulheres ajudassem a promover a arte local: organizando “exposições de rendas nortistas ou trabalhos de madeira dos sertanejos!” (FREYRE, 1921). Pode-se tomar também como exemplo dessa defesa à conservação da cultura nordestina, ou brasileira, a explanação de Freyre, em outro artigo, de 13 de agosto de 1922, acerca da vida artística em geral no Brasil e sua culinária. Pois, se ele, de um lado nega a existência de um “teatro nacional” (“Temo parecer pedante mas me parece dever de quem se ocupa com pureza de intenção do ‘teatro nacional’ do Brasil, farpear com aspas a frase”), de outro, afirma: “possuímos uma culinária brasileira, brasileiríssima, até, de cheiro e sabor *muito* seus.” (FREYRE, 1922).

Essas afirmações e sugestões que Freyre articula ainda nos Estados Unidos, e depois, em poucos números, na Europa, demonstram que o sociólogo estava, num primeiro momento, apreensivo com a descaracterização do tradicional que ocorria em Pernambuco, e no Nordeste, e depois, que essas mudanças aconteciam a passos largos, e que se não houvesse nenhuma intervenção, ela poderia se tornar irreversível. Então, assim que retorna ao Brasil, o mesmo começa sua campanha e sua propositura cultural ao Nordeste, ou seja, o *regionalismo*. Gilberto Freyre retorna ao Brasil em março de 1923, após quase seis anos no exterior. Assim que chega, é noticiado seu retorno no

Diário de Pernambuco, sob vários elogios à sua inteligência, apesar da pouca idade. Chega a receber homenagem no Colégio onde fizera os primeiros estudos, até os 17 anos, aproximadamente. Na ocasião, no Colégio Americano Batista, seu antigo professor, França Pereira, o saúda, “apresentado-o ao auditório como uma das mais fortes organizações intelectuais da nova geração”. (AZEVEDO, 1984, p. 124). No discurso de agradecimento, Freyre, dentre outras coisas, comenta os horrores da guerra, culpando-a pela desenfreada mania de *modernismo*.

Assim, desde que pisa em Pernambuco, em todas suas ações e discursos preliminares podemos perceber que a insatisfação de Freyre é com o incipiente processo modernizador que se passa em Recife, descaracterizando o Recife que o mesmo deixou há seis anos, sendo que o principal veículo para expor suas observações, em forma de artigos (os comentados *artigos numerados*), continua sendo o *Diário de Pernambuco*, onde escreve semanalmente. A paisagem, apesar do curto período, havia sofrido modificações importantes, tanto que Freyre comenta, no artigo número “53”, “eu por mim já me sinto um tanto estrangeiro no Recife de agora. O meu Recife era outro.” (FREYRE, 1924, *apud* AZEVEDO, 1984, p. 125). Mesmo com essas transformações, Recife ainda é para Freyre uma paixão, tanto que José Lins do Rego, que se torna amigo de Freyre já em 1923, diz que o mesmo se encontrava em verdadeiras núpcias com a terra logo após sua chegada. (AZEVEDO, 1984).

Em suas primeiras ações Gilberto Freyre já causa burburinho, tornando-se personagem discutido e criticado, muito por sua aparência e atitude arrogante, que muitos não entendiam bem, pois em seus primeiros passeios pela cidade, saía usando um monóculo “que lhe acentuava o ar pedante, um ‘derby Hat, roupas e meias inglesas e americanas”. (AZEVEDO, 1984, p. 125). Mas o que vale salientar é que essas ações, se conseguem angariar críticas, muitas vezes pesadas, devido a essa aparente arrogância de Freyre, consegue também adeptos e seguidores, pois “é essa mesma figura aristocrática que passeia pelos becos e vielas do Recife antigo, procurando ver e valorizar casa velhas, sobrados, portões, janelas, igrejas, conventos, lamentando o desprezo a que tudo está relegado.” (AZEVEDO, 1984, p. 125).

Em artigo publicado em *A pilhéria*, o jornalista Arnaldo Lopes descreve essas peregrinações históricas de Gilberto Freyre em Recife e suas conseqüências, pois foi com elas que o sociólogo começa o movimento tradicional-regionalista, ao mesmo tempo em que reúne em torno de si os primeiros seguidores de peso nessa empreitada que lidera.

Armando Lopes, sem suprimir o tom irônico, escreve que Freyre ao visitar Recife e Olinda antigos “deu logo por falta das gameleiras. Indignou-se com a derrubada dos arcos da Conceição e Santo Antônio. Vociferou contra a largura das avenidas, ruas, sem árvores, escancaradas. E quase perdia a cabeça quando soube da destruição da Sé de Olinda”. Sendo que a essas alturas “os primeiros adeptos foram chegando. E um movimento conservador foi se gerando, aumentando gradativamente, simpático, acolhedor.” (LOPES, 1925, *apud*, AZEVEDO, 1984, p. 126).

Mas o trecho mais importante para nós é o que se segue, pois com ele podemos perceber como Freyre conduz sua campanha e como seu trato com a cultura local e com seus seguidores vão dando forma e corpo orgânico ao movimento regionalista em Pernambuco, em contraponto à penetração que o *modernismo* impõe sobre a região, pondo em crise o modelo rural e conservador da aristocracia açucareira pernambucana. Senão vejamos:

E a campanha prosseguira. Fatos e documentos que nós desconhecemos foram aparecendo de repente. Lugares até o presente esquecidos, abandonados, tiveram o seu ressurgimento. Tudo foi esmerilhado. Até a cozinha antiga das nossas bisavós em cena.

De entusiasmo em entusiasmo o movimento tradicional se alastrou, criando partidários extremados, adeptos, convencidos. E daí nasceu o Centro Regionalista do Nordeste Brasileiro, sociedade de valor, pioneira audaz nos nossos costumes e tradições. (LOPES, 1925, *apud*, AZEVEDO, 1984, p. 126).

Como consequência, as críticas se acentuam, muito mais ligadas ao fato de Freyre comentar constantemente o que vira e ouvira nos Estados Unidos e Europa, além de fazer citações em inglês, que não traduz, sendo acusado de pedante, do que às suas posições tradicionalistas. O próprio Freyre reconhece o pedantismo que lhe empregaram, mas se defende ao dizer, em artigo intitulado “Yeats”, após fazer uma citação em inglês e novamente não traduzir, que: “sinto não saber passar isso ao português. Aliás, o pedantismo de citar em inglês, aprendi-o com o Visconde de Santo Tirso³.” (FREYRE, 1923, *apud* AZEVEDO, 1984, p. 126). Em ocasião já mencionada, em que recebe homenagem no Colégio em que completara os primeiros estudos, também cita em inglês um pequeno discurso sobre coragem, que outra vez não traduz, e esclarece: “eu quisera que um de vós, com o dom da tradução, vertesse à nossa língua, da

³ Diplomata português da primeira metade do século XX ou segunda metade do século XIX. (Título nobiliárquico que passou por 4 gerações de diplomatas portugueses. Não sabemos ao certo qual “Visconde” Freyre está se referindo, mas acreditamos ser o 3º, João Ferreira Pinto Cirilo Machado, nascido em 1900).

inglesa, o discurso sobre coragem, de I. M. Barrie, na Universidade de St. Andrews.” (FREYRE, 1923, *apud* AZEVEDO, 1984, p.126).

Ironicamente, Joaquim Inojosa sai em defesa de Freyre, no que tange a essas críticas à sua personalidade, e escreve, num artigo de 21 de julho de 1923 pelo periódico *O Fogo*, que Gilberto Freyre está “deslocado neste meio que o critica, porque poucos que, como ele, estudem tanto e sejam dotados de cultura moderna e sólida.” (INOJOSA, 1923, *apud* AZEVEDO, 1984, p. 127). Austro-Costa, por sua vez, não perdoa Freyre nem Lins do Rego, a essa altura amigo e seguidor do mesmo, e ironiza o fato do antropólogo pernambucano usar em seus artigos, em vez de títulos, números romanos, bem como a pretensa submissão do escritor ao organizador do *regionalismo* em Pernambuco. Assim, escreve em 8 de setembro em *A Pilhéria*, a sátira “Ao Freyre com Ypsilon”, a saber:

Ao Freyre com Ypsilon
Ó sr. Gilberto Freyre,
por quanto me vende o alqueire
de empáfia e de ilustração?
No Diário de Pernambuco
você acaba maluco
com tanta numeração...

Se você, gingando, passa
da irônica populaça
por entre o sorriso anônimo
o Lins também sai gingando
entre dentes exclamando
- Mestre! Meu mestre e pseudônimo!

A crítica de Austro-Costa a José Lins do Rego não é de todo sem fundamento. O escritor deslumbra-se com as atitudes, comportamento e a “inteligência” de Freyre, assim que o conhece em 1923. Lins do Rego relata como foi a experiência de conhecer Gilberto Freyre em “Notas sobre Gilberto Freyre” que realiza na obra *Região e Tradição* de autoria do historiador pernambucano. Citaremos as partes mais significativas para nosso intento, que são:

Conheci Gilberto Freyre em 1923. Foi numa tarde de Recife, do nosso querido Recife, que nos encontramos, e de lá para cá, a minha vida foi outra, foram outras as minhas preocupações, outros os meus planos, as minhas leituras, os meus entusiasmos. [...] Para mim tivera começo naquela tarde de nosso encontro a minha existência literária. [...] Começou uma vida a agir sobre a outra com tamanha intensidade, com tal força de compreensão, que eu me vi sem saber dissolvido, sem personalidade, tudo pensado por ele, tudo

resolvendo, tudo construindo como ele fazia. Caí na imitação, no quase pastiche. (LINS DO REGO, 1941, *apud* AZEVEDO, 1984, p.128).

Percebe-se mais uma vez o quanto a influência de Freyre é fulcral no desenvolvimento do pensamento intelectual em Pernambuco, pelo menos no que toca ao (re)descobrimento da tradição como elemento importante na inserção da região nordeste no contexto cultural do restante do país. O próprio José Lins do Rego reafirma essa influência de Gilberto Freyre em outros intelectuais, sendo importante lembrar que seu pensamento, mesmo tendo forte conotação conservadora e tradicionalista, não é considerado, nem por seus adversários, como *passadistas*, nos termos convencionais divulgados. Assim, comentando o poema “Catimbó”, de Ascenso Ferreira, antigo representante da poesia parnasiana no Nordeste, e citando outros intelectuais, Lins do Rego elucida:

O poeta Ascenso, como eu, Aníbal Fernandes, Odilon Nestor e outros devemos a Gilberto o que não é possível imaginar. Ascenso Ferreira deve sua boa poesia de hoje. Porque o parnasiano que morreria parnasiano se não fosse o Nordeste que Gilberto descobriu. (O Nordeste foi descoberto em mil novecentos e tanto por Gilberto Freyre). (LINS DO REGO, 1928, *apud* AZEVEDO 1984, p. 128).

1.1 - “Tradicional-regionalismo, a seu modo modernista”: as teorizações freyrianas

O veículo utilizado por Freyre para divulgar e constantemente reiterar suas propostas, angariando muitas vezes através dele adeptos de ressonância capital para a promoção do movimento, foi principalmente, como já dito, o *Diário de Pernambuco*, materializado na série, também mencionada, “Artigos numerados,” que durou de 22 de abril de 1923 a 15 de abril de 1925. (AZEVEDO, 1984). Nela, Gilberto Freyre defende, por exemplo, os “valores da arquitetura tradicional, da fisionomia tradicional de Recife, o que corresponde à defesa dos monumentos históricos, do patrimônio artístico em geral”, afirma ainda que “o que do Brasil antigo resta de pé, o está por milagre” (AZEVEDO, 1984, p. 130), e preconiza, no artigo de número 34, de 9 de dezembro de 1923, como fundamental para o país “uma campanha que nos eduque no gosto da antiguidade. No gosto do nosso passado. Da nossa tradição.” (FREYRE, 1923). E, no mesmo artigo, diz ser uns dos únicos “novos” a bradar contra os despautérios e

desmandos dos que querem a renovação “irresponsabilíssima” da arquitetura tradicional de Pernambuco, pois,

quando em Olinda furou-se, roeu-se, esfuracou-se, dilapidou-se de azulejos a antiga Sé, para lhe dar o falso arrojo catedralesco de agora [...] quem protestou foi um simples rapaz sem fraque em quem logo se descobriram insolências de garoto. Somos garotos insolentes todos os de pouco mais de vinte e de menos de trinta anos quando pegamos em delito de estupidez os de mais de trinta. (FREYRE, 1923).

Freyre acredita ser os mais jovens o público alvo para uma campanha de culto ao passado, pois eles são os que possuem o espírito mais aberto para a compreensão de que o passado é vital para a manutenção de uma cultura mais rica, e que o “novo” não surge de uma hora para outra, sendo que sua inspiração muitas vezes vem do próprio passado, e afirma:

Entre nós, impõe-se, como disse, uma campanha que nos habilite a contrariar um pouco a atual volúpia da novidade. Entre os meninos de escola, entre os rapazes de faculdade, entre os mais moços, que são os mais plásticos, deveria estabelecer-se um Dia do Passado. Ou da Tradição. Um dia em que nos recolhêssemos misticamente ao Brasil brasileiro dos nossos avós; e falássemos deles. Um dia de romagem aos edifícios velhos: tantos deles cheios de boas inspirações para bons edifícios modernos. [...] O instinto de criação alimenta-se do passado; só o de aquisição prescinde dele. Mas uma estética ou uma ordem política adquirida é apenas um empréstimo a 90%; não identifica um tipo nacional de cultura. Não representa nenhum esforço próprio, íntimo, interior, heurético. Não representa nenhuma energia criadora. Daí o ainda feder a goma arábica nosso regime político de 89; e o ridículo do atual “futurismo” dum grupo de rapazes em São Paulo. (FREYRE, 1923).

E a preocupação com a descaracterização dos prédios antigos de Pernambuco lhe parece ser assunto recorrente. No artigo “60”, Freyre continua a mencionar o que foi feito para modernizar o que não poderia nem deveria ser modernizado. Começa citando parte de uma circular que Dom Sebastião Leme escrevera, em que o arcebispo diz que “já não é sem tempo que devemos *reagir* contra a onda invasora da meia cultura de uma geração avariada pelo utilitarismo e vida leviana dos nossos dias.” (LEME, *apud* FREYRE, 1979, p. 36), dizendo concordar plenamente com Dom Leme, menciona que “vem exatamente vibrar a tecla que eu tenho o dedo a doer de tanto ferir: o barato cosmopolitismo em que entre nós se vai dissolvendo o espírito nacional.” (FREYRE, 1924). Continua por descrever as igrejas que foram “depredadas” por um controverso gosto pelo novo que vem de fora. “Estamos a virar – enfatiza Freyre – verdadeira bola de

cera, cuja plástica diariamente se altera à influência das fitas de cinema, das modas americanas e da literatura francesa.” (FREYRE, 1924). Responsabiliza essas “reformas” que transformaram a Sé de Olinda, a matriz da Casa Forte e o Palácio do Arcebispo, a uma “volúpia de modernidade ou de modernice” e a uma “fase horrível de furor neófilo.” (FREYRE, 1924).

Mas não só da arquitetura e paisagismo se preocupa Gilberto Freyre nessa defesa da tradição que se ocupa nos “artigos numerados”. A gastronomia nordestina e/ou brasileira também é assunto discutido. Em artigo publicado no *Diário de Pernambuco* de 10 de fevereiro de 1924, Freyre diz que “é tempo de se agitar no Brasil uma campanha pela arte de bem comer”, pois para ele, “nosso paladar vai-se tristemente desnacionalizando. Das nossas mesas vão desaparecendo os pratos mais característicos: as bacalhoadas de coco, as feijoadas, os pirões, os mocotós, as buchadas,” ainda mais porque para o antropólogo pernambucano, “há perigo num paladar desnacionalizado. O paladar é talvez o último reduto do espírito nacional; quando ele se desnacionaliza está desnacionalizado tudo o mais.” (FREYRE, 1924).

Porém, o mais interessante nesse artigo (número 43) é a apreensão que se faz do conservadorismo de Freyre e sua idealização acerca do período imperial brasileiro. Ao citar o seu gosto pela culinária tradicional, do “tempo de nossas avós,” nos dizeres de Freyre, o mesmo deixa claro sua preferência não só pela comida, mais também pela vida social, e pela vida política do Império. Claro que essa preferência está ligada ao fato de Freyre desejar que esse tempo em que os senhores de engenho exerciam o patriarcalismo mais notório retorne em suas facetas mais gerais, sendo, claro, atualizadas para o contexto histórico e político do Brasil de então, afastando assim o perigo que representa para essa oligarquia rural a entrada de Pernambuco na rota da incipiente industrialização que acontece no país, advinda do Sul. Isso posto, vejamos como Gilberto Freyre explicita sua opinião e como ele tem consciência dela, prevendo que alguns poderiam acusá-lo de exagero:

O Segundo Reinado foi, no Brasil, a idade de ouro da culinária. Chegamos a possuir uma grande cozinha. E pelos lares patriarcais, nas cidades e nos engenhos, pretalhonas imensas contribuía, detrás dos fornos e fogões com seus guisados e os seus doces, para a elevada vida social e política da época mais honrosa da nossa história. [...] De modo que a idade de ouro da nossa vida social e da nossa política coincide com a idade de ouro da nossa cozinha. Exagero eu, ou digo despropósito, atribuindo um tanto às excelências da cozinha o esplendor da política e o encanto da vida social daquela época? Creio que não. (FREYRE, 1924).

Em alguns desses artigos podemos perceber como seu conservadorismo beira ao reacionário. Tanto que Gilberto Freyre chega a defender, no artigo número “3”, que o analfabetismo tem lá suas vantagens, considerando-o útil porque exerce o papel de agente garantidor da manutenção do pensamento conservadorista na sociedade. “Aliás, neste respeito, representam os analfabetos papel muito nobre, como elemento saudavelmente conservador. Principalmente entre povos cuja neofilia chega a ser, como entre nós, neurose,” afinal, esta “gente que cuida das vacas e colhe dos vinhedos e faz azeite e vende peixe e, cantando, trabalha ditosamente alheia às teorias anticlericais e antidinásticas e ao falatório bolchevista.” (FREYRE, 1923).

Todas essas teorizações vão compondo e formando organicamente o conceito que Gilberto Freyre se apropria e metamorfoseia, ou seja, o *regionalismo*, criando algo particular para propor uma alternativa ao transformismo institucional que a entrada do *modernismo* no Nordeste vai forjando. Assim, teoriza sobre o que seja o bom ou mau *regionalismo*, em artigo de outubro de 1924. Para Freyre, o “bom regionalismo” é aquele “cuja ânsia é a defesa das tradições e dos valores locais, contra o furor imitativo,” pois para ele a standardização cultural é um grande erro que deve ser evitado. “Não sonhemos um Brasil uniforme, monótono, pesado, indistinto, nulificado, entregue à ditadura de um centro regulador de ideias.” (FREYRE, 1924). Ao passo que o mau *regionalismo* seria “o separatismo; que consiste na imposição dos interesses locais sobre os gerais. Este mau regionalismo já se tem feito sentir na política e na economia brasileira, com os mais lamentáveis efeitos.” (FREYRE, 1924).

Assim, um ano depois, em outro artigo, no mesmo *Diário de Pernambuco*, discutindo e elogiando o *regionalismo* em Minas Gerais, Freyre fala do esforço de jovens mineiros que querem, por meio da fundação de um periódico (*A Revista*), elevar a cultura local através de um *regionalismo* saudável, sendo todos eles desejosos para que haja no Estado a eclosão de “uma Minas mineira, que se desenvolva dentro do espírito do seu passado, contribuindo com a sua forte originalidade local para riqueza do conjunto brasileiro; para a harmonia do todo brasileiro.” Comparando-os com o mesmo propósito que realiza em Pernambuco, diz que “querem uma Minas vivamente caracterizada na sua vida, como nós queremos um Nordeste capaz de resistir à standardização.” (FREYRE, 1925). E conclui teorizando:

o que eles sentem na tradição mineira, em particular, como na brasileira, em geral, é o que os chamados 'neotradicionalistas' sentimos na tradição nordestina: uma força viva e plástica a ser desenvolvida em valores novos, atuais, ativos – nunca um peso morto a ser tristemente arrastado pela vida. (FREYRE, 1925).

As teorizações feitas por Freyre nesse momento estão muito próximas do contorno final que elas terão em 1926, data do 1º Congresso Regionalista do Nordeste, onde se consubstanciaram os pontos gerais do *regionalismo* proposto para o Nordeste como um todo. Mas antes, um ano aproximadamente, Gilberto Freyre tem alguns postulados formulados que se tornariam recorrentes, pois estariam também expostos no 1º, e único, diga-se de passagem, Congresso Regionalista, que ajudou a organizar e coordenar. Assim, temos o lançamento do *Livro do Nordeste*, onde estão contidos esses postulados.

Gilberto Freyre em 1925 lança um livro em comemoração aos 100 anos do jornal pernambucano *Diário de Pernambuco*. Nesse trabalho ele reúne vários artigos que, segundo ele, representam bem a história não só do *Diário*, como também de Pernambuco, quiçá do Nordeste. Na apresentação do livro Freyre nos diz claramente a intenção do mesmo, pois para ele

constitui este grupo de estudos pequeno esforço de estimativa em torno de alguns dos valores mais característicos da região; pequeno inquérito às tendências da vida nordestina – a vida de cinco ou seis estados cujos destinos se confundem num só e cujas raízes se entrelaçam – durante os últimos cem anos; espécie de balanço das nossas perdas e ganhos nesse período. (FREYRE, 1925 *apud* AZEVEDO, 1984).

1.2 – Centro Regionalista, “Livro do Nordeste” e 1º Congresso Regionalista: a formatação final do *regionalismo* freyriano

Para Antônio Dimas, o que primeiro chama atenção é a capacidade de Freyre em recrutar em torno de si um espectro significativo de intelectuais na causa de uma reabilitação cultural do Nordeste. Pois como obra coletiva, o livro consegue “arrancar das obrigações quotidianas em que se viam enredados esses colaboradores, que exerciam a política, o jornalismo, o magistério superior, a advocacia, a engenharia, a medicina ou a alta administração do Estado já demonstra habilidade e capacidade de liderança intelectual”, mas à frente Dimas é enfático: “afinal, havia razão para um suposto temor se nos lembrarmos de que parte significativa desses homens já tinha seu

prestígio profissional e pessoal consolidado” (DIMAS, 2004, p. 8), ou seja, conseguir reunir profissionais já renomados, muitos deles com diferença etária de vinte e trinta anos, em torno de um projeto ousado, demonstra uma habilidade e a segurança intelectual precoce.

Os inúmeros artigos recolhidos e publicados davam oportunidade a Freyre de fazer um trabalho que poderia resvalar num romantismo nacionalista rasteiro, em que ficaria no campo da descrição delicada de artesanatos, casarios velhos, detalhes de portões e janelas, ou, por outro lado, de uma descrição mais amarga da pobreza dos municípios pernambucanos, como também de sua fraca infra-estrutura, por exemplo. Mas ao contrário, o *Livro do Nordeste*, segundo Dimas, logo de início se consubstanciaria em cima de um conceito de *região*. (“Animado foi todo o esforço que representa este livro pelo espírito de fraternidade regional; pelo espírito do Nordeste. Era natural que assim fosse: muito cedo se identificou o *Diário de Pernambuco* com as aspirações e os interesses de toda região, acima dos simples interesses de estado.” [grifo nosso] FREYRE, 1925 *apud* AZEVEDO, 1984.). Esse conceito então utilizado na intenção de inventariar a produção cultural tradicionalista, que estava em crise e em vias de extinção, diante os conceitos velozes da modernização, se valeu como um contraponto para combater tais conceitos (modernizadores). “Um conceito de modernização que passa, necessariamente, pela devastação da *urbs*, sôfrega para se livrar da herança arquitetônica passada, que atravanca o fluxo livre e desembaraçado de máquinas e velozes”. (DIMAS, 2004, p. 10). Gilberto Freyre queria com o projeto, evitar que acontecesse com Recife o que ocorrera com o Rio de Janeiro, ou seja, o afrancesamento do traçado urbano.

Aliás, como já vimos, essa parece ter sido uma preocupação constante dentre os desejosos da continuação do *status quo* tradicional-regionalista em Pernambuco, e já se manifestava antes mesmo da organização proposta por Freyre, sendo, no entanto, fragmentada. Moema D’Andrea, que em seu trabalho “A Tradição Re(des)coberta” dissecou o poema de Joaquim Cardozo, “Recife morto”, de 1925, observa uma preocupação cabal com o traçado urbano e as demolições decorrentes da criação de avenidas largas e retilíneas, advindas desse processo modernizador que imprimia sobre Pernambuco seus moldes estéticos, seja na literatura, como já abordamos no primeiro capítulo, seja na arquitetura urbana, “que pôs abaixo igrejas e monumentos para abrir

novas avenidas, vitrines de um processo ambíguo e atabalhado de modernidade.” (D’Andrea, 2010, p. 32).

Nesse ínterim, a negação dessa modernidade é vista por Freyre como salvaguarda dos valores tradicionais de um passado áureo de Pernambuco (“pode-se dizer que aqui se escreveu a sangue o sobrescrito ou o endereço da nacionalidade brasileira.” FREYRE, 1925 *apud* AZEVEDO, 1984.), e essas parafernálias modernas destoam e condena a extinção o bem cultural que o cultivo da cana pôde proporcionar, sendo que a importação dessas matrizes culturais modernizantes era profundamente criticada por Freyre, e a materialização desses ideários podemos conferir em trabalhos como “Vida Social no Nordeste. Aspectos de um século de transição (1825-1925)”, ensaio contido dentro do *Livro do Nordeste*, que nos esclarece que

O individual foi engolido pelo coletivo. Cem anos depois de 1825, a ingenuidade cedeu lugar à automação; despessoalizaram-se as relações de trabalho e de produção; a horizontalidade familiar e meio religiosa das casas-grandes foi substituída pela verticalidade agressiva e espalhafatosa das modernas usinas; o traçado aleatório e, eventualmente curvo, herança europeia, dos aglomerados urbanos foi soterrado pela eficiência e pragmatismo da linha reta, herança norte-americana. Nessa transformação tumultuada, assusta-se o observador, que, antes, era embalado pelo “trote doce” das carruagens e agora sente-se ameaçado por mecânicas engenhocas barulhentas que rodam, espadanam e roncam, quebrando o silêncio e intensificando a mobilidade e o “ciganismo de hoje”. (DIMAS, 2004, p.11).

Uma vez esses processos modernizadores já em curso em Pernambuco, Gilberto Freyre propõe “ênfatisar aos nativos a necessidade de se afastar das tentações falsamente modernizantes e dos empreendimentos que cheiravam a um francesismo tardio ou a um americanismo mal digerido.” (DIMAS, 2004, p.13) E, segundo Antonio Dimas, Gilberto Freyre vai além, pois,

mais que um simples projeto estético, o seu era de uma abrangência decidida e declaradamente cultural, em que pese a má vontade da academia contemporânea. Sem nenhuma modéstia recalcada, Gilberto tomou o seu chão como um *case study* experimental e se atreveu a propô-lo como exemplo de meditação regional, numa época em que a oligarquia cafeeira paulista optava por queimar todos os seus cartuchos para se mostrar contemporânea da arte europeia. (2004, p.13-14).

Como já mencionado, esses enunciados vão ser colocados à prova e sujeitos à crítica na divulgação do programa elaborado para o 1º Congresso Regionalista do Nordeste, que é fruto de sugestão do Centro Regionalista do Nordeste, fundado em 28 de

abril de 1924, como iniciativa de Gilberto Freyre. Em nota sem assinatura no *Diário de Pernambuco* do dia 30, comenta-se a criação do Centro e apontam-se alguns objetivos, sendo que “propõe-se o Centro a exercer viva ação intelectual e social, uma vez congregados em seu seio os elementos mais representativos da cultura do Nordeste. Anima-o largo patriotismo nordestino que se exprime na defesa das nossas cousas e das nossas tradições.” (CENTRO REGIONALISTA, 1924). A reunião onde se fundou o Centro foi na casa de Odilon Nestor, professor veterano da Faculdade de Direito de Recife e presidente de tal Centro.

No segundo encontro do grupo, que naquela data contava com Odilon Nestor, Amauri de Medeiros, Alfredo Freyre (pai de Gilberto), Antonio Inácio, Moraes Coutinho e Gilberto Freyre, traçaram-se as atividades primordiais do Centro, das quais se destacam: organizar conferências, exposições de arte, visitas, excursões; manter em sua sede biblioteca e sala de leitura, onde se achem representadas as produções intelectuais do Nordeste, no passado e no presente; e *promover cada ano ou de dois em dois, em uma cidade do Nordeste, um congresso regional*.

As reuniões se sucedem, e na terceira Gilberto Freyre é eleito secretário-geral e novos membros são aceitos: França Pereira e Faria Neves Sobrinho. Foram duas as grandes atividades exercidas pelo Centro Regionalista do Nordeste, que segundo Neroaldo Azevedo, durou dois anos: a primeira foi a promoção de uma Semana das Árvores, que foi realizada entre os dias 6 e 12 de novembro de 1924, quando mobilizou-se vários intelectuais na defesa de árvores “tradicionalistas do Nordeste”, tendo alguma repercussão na imprensa, e a segunda, a realização do 1º Congresso Regionalista do Nordeste, que teve o grande mérito de “por na ordem do dia a discussão em torno do regional, dos valores da tradição” (AZEVEDO, 1984, p. 148), além de elencar textualmente, pela imprensa, os pontos do programa que seriam os objetivos e características do *regionalismo* proposto pelo Congresso ao Nordeste, sujeitando-se, como dito anteriormente, a várias críticas, em que o separatismo é a acusação mais recorrente entre os opositores, na grande maioria modernistas.

Desta feita, depois de várias remarcações e adiamentos, realiza-se entre os dias 7 e 11 de fevereiro de 1926, o 1º Congresso Regionalista do Nordeste, sendo que a sugestão para sua realização veio de Moraes Coutinho quando Gilberto Freyre, em 3 de março de 1925, sugeriu o encerramento do Centro, devido à inatividade do grupo nos meses anteriores, e como Moraes Coutinho fora contra, o mesmo colocara em pauta de

discussão a realização de tal Congresso, sendo aceito por todos os outros membros do grupo, inclusive Freyre. “Além das sessões de abertura e de encerramento, esta última com um jantar regional, houve três sessões plenárias para apresentação e discussão das diversas teses.” (AZEVEDO, 1984, p. 154). O programa geral proposto para o mesmo, e divulgado pela imprensa, divide-se em dois pontos: Problemas econômicos e sociais; e Vida artística e intelectual. Dentro dessas duas partes estão as teses a serem discutidas pelos congressistas, de forma que essas teses advêm das várias propostas apontadas anteriormente por Gilberto Freyre, que agora são sistematizadas por ele através do Centro e materializadas na carta-convite enviada aos principais líderes intelectuais dos Estados que compõem a bancada do Congresso para o debate das mesmas. Assim, temos⁴:

I – Problemas econômicos e sociais

1. *Unificação econômica do Nordeste. Ação dos poderes públicos e dos particulares.*
2. *Defesa da população rural. Habitação, instrução, economia doméstica.*
3. *O problema rodoviário do Nordeste. Aspecto turístico, valorização das belezas naturais da região.*
4. *O problema florestal. Legislação e meios educativos.*
5. *Tradições da cozinha nordestina. Aspectos econômico, higiênico e estético.*

II – Vida artística e intelectual

1. *Unificação da vida cultural nordestina. Organização universitária. Ensino artístico. Meios de colaboração intelectual e artística. Escola primária e secundária.*
2. *Defesa da fisionomia arquitetônica do Nordeste. Urbanização das capitais. Plano para as pequenas cidades do interior. Vilas proletárias. Parques e jardins nordestinos.*
3. *Defesa do patrimônio artístico e dos monumentos históricos.*
4. *Reconstituição de festas e jogos tradicionais.*

Como podemos observar, as palavras-chave que figuram no programa são: “Unificação” e “Defesa.” E elas não foram colocadas no programa aleatoriamente. Para Azevedo, os objetivos propostos são ambiciosos, porque amplos, sendo que “unificação” pressupõe-se que os diversos Estados do Nordeste tenham seus interesses interligados, sobrepondo assim o conceito de “região” ao de “estado.” (AZEVEDO, 1984). Sendo que

⁴ Transcrição literal do programa do Congresso Regionalista do Nordeste, contido no livro de Neroaldo Azevedo, “Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco” em reprodução fiel do Programa-convite, tendo sido feito somente a atualização ortográfica.

a estratégia para se atingir tal objetivo consiste fundamentalmente na *defesa* dos valores tradicionais do Nordeste, buscando no passado a raiz e a fonte da *unificação* pretendida. [...] Não obstante isso, é impossível não ver na maneira como é proposta a valorização dos elementos da cultura regional uma forma reacionária de equacionar a questão, uma vez que o acento é posto na atitude de defesa, para evitar as possibilidades de transformações nas características da região. Como se fosse possível um fechar-se em si, que garantisse a permanência da “originalidade” da região. (AZEVEDO, 1984, p. 154-160).

Essa “unificação” e “defesa” desses valores tradicionais serão vistas pelos adversários do movimento como atitudes separatistas. Joaquim Inojosa vê no conclave pelo menos dois problemas básicos: 1º, o programa do Centro Regionalista é, ao que lhe parece separatista; 2º, não se trata de regionalismo, e sim, de universalismo. (AZEVEDO, 1984). Monteiro de Melo no *Jornal do Recife*, 15 dias após o encerramento do evento, publica um artigo intitulado “Regionalismo ridículo,” em que aponta “no Congresso intenções separatistas, criticando aqueles que vêem no progresso do Sul a causa do não progresso do Nordeste.” (AZEVEDO, 1984, p. 161). Nem terminado o Congresso, no dia 10 de fevereiro, publica-se um poema satírico intitulado “A feijoada à moda antiga” no *Jornal do Comércio*, reduto dos modernistas pernambucanos, em que se critica uma das teses de Gilberto Freyre discutidas no Congresso, na qual se propõe a conservação da cozinha regional nordestina. (AZEVEDO, 1984). Segue alguns trechos⁵:

Professor Odilon Nestor, Bicho sarado
com o Congresso que está agora dirigindo
um “gordinho” bom, nordestino chamado
Ordenou preparar, e a coisa já vem vindo.

Regionalista bom e congressista osso,
quis comer um pitéu, mas todo à moda antiga,
pirão gordo ele quer adubado e bem grosso
embora isso lhe dê grande dor de barriga. [...]

Gilberto Freyre se defende das acusações em alguns artigos publicados pelo *Diário de Pernambuco*, sendo que às relacionadas a um suposto separatismo ele responde em artigo intitulado “Nordeste separatista?”, do dia 26 de março de 1926, dizendo que o movimento regionalista privilegia as sugestões da paisagem, da vida, da cozinha e da tradição regional, em oposição ao perigo da imitação do Rio, São Paulo, Suíça ou Estados Unidos. E resume:

⁵ A FEIJOADA À MODA ANTIGA, 1926 *apud* AZEVEDO, 1984, p. 160-161.

O Movimento Regionalista no Nordeste não é necrófilo. Não tem a superstição do passado. Ama, porém, nas coisas velhas, a sugestão de brasilidade, o traço, a linha de beleza a ser continuada, avivada, modernizada, pelo Brasil de hoje. Um Brasil jovem, a cujo entusiasmo criador mais livre que o de gentes ainda mal saídas do colonialismo, *nos incube transmitir o maior número de sugestões brasileiras.*

[...] Em largos traços, é este o regionalismo que se acentua no Nordeste, querendo substituir pelo critério da tradição comum, do sentimento comum, do comum interesse econômico da região, o artificioso critério de “Estado”. E isto no interesse geral da tradição brasileira e não contra ela ou independente dela. (FREYRE, 1926).

Sobre o Congresso, vale lembrarmos ainda da polêmica gerada em torno do mesmo na comemoração de seus 25 anos de realização. No dia 20 de março de 1951, no Instituto Joaquim Nabuco, Gilberto Freyre lê um documento que teria sido o mesmo lido no Congresso de 1926. Um ano depois o texto é publicado em Recife com o título: “Manifesto Regionalista de 1926”. Na imprensa e na academia o texto é tido como original, ganhando ares de documento histórico. (AZEVEDO, 1984). Somente em 1965 é que o crítico Wilson Martins, em seu livro “O modernismo”, lança dúvidas sobre a originalidade do texto em função da estética empregada: “a julgar pelo estilo, o autor praticamente reescreveu o seu trabalho” (MARTINS, 1965 *apud* AZEVEDO, 1984, p. 152-153). Para Neroaldo Azevedo, “é possível que tenha sido a dúvida levantada por Wilson Martins a responsável pela eliminação da data '1926' do título do mesmo documento, quando de sua quarta edição, em 1967. De 'Manifesto Regionalista de 1926' passa simplesmente a 'Manifesto Regionalista'. (1984, p. 153). Mas quem denuncia publicamente a polêmica é Joaquim Inojosa, em 1968, com seu “O movimento modernista em Pernambuco”, ficando provado que o manifesto fora escrito em 1952. (AZEVEDO, 1984). Segundo Azevedo, somente em 1980, em artigo, Gilberto Freyre admite que o pronunciamento realizado em 1926 foi redigido em 1952, e que o documento se perdeu em 1930, ocasião de um incêndio na casa de seu pai em Recife, diferentemente da versão contada em 1952, em que o historiador Pernambucano diz que a “papelada existe.”

Não obstante a manipulação feita em torno do que haveria sido dito e defendido no Congresso de 1926, reiteramos que boa parte do que está escrito no manifesto de 1952 (“maior injustiça que se poderia fazer a um regionalismo como o nosso seria confundi-lo com separatismo ou com bairrismo”; “Procurando reabilitar valores e tradições do Nordeste [...] procuramos defender esses valores e essas

tradições, isto sim, do perigo de serem de todo abandonadas, tal o furor neófilo de dirigentes que, entre nós, passam por adiantados e 'progressistas' pelo fato de imitarem cega e desbragadamente a novidade estrangeira." FREYRE, 1952), já estava dado nos inúmeros artigos publicados por Freyre na década de 1920, principalmente pelo *Diário de Pernambuco*, bem como os contidos no *Livro do Nordeste*, não havendo assim motivos para que não se realizasse nenhum trabalho seguro sobre o tema, quando se refere à ocasião. Assim, podemos observar nessa arregimentação das propostas regionalistas que grande parte delas já havia sido colocada por Freyre anteriormente a data, como alternativas a serem empregadas no Nordeste, assegurando a conservação de sua tradição.

Recebido em: 03/11/2013.

Aceito em: 23/12/2013.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BARROS, Natália Conceição Silva. "Joaquim Inojosa e a produção intelectual como escrita de si". In: BUARQUE, Virgínia Albuquerque; MOLLO, Helena Miranda; OLIVEIRA, Camila Aparecida Braga (orgs.). *Caderno de resumos & Anais do 5º Seminário Nacional de História da Historiografia: biografia & história intelectual*. Ouro Preto: EdUFOP, 2011. Disponível em: <<http://www.seminariodehistoria.ufop.br/ocs/index.php>>. Acesso em 16/11/11.

CENTRO REGIONALISTA. Recife: Diário de Pernambuco, 1924, *apud* AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984. p. 207.

D'ANDREA, Moema Selma. *A Tradição re(des)coberta: o pensamento de Gilberto Freyre no contexto das manifestações culturais e literárias nordestinas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

DIMAS, Antonio. Um manifesto guloso. *Léguas & Meia: Revista de literatura e diversidade cultural*. Feira de Santana: UEFS, nº 2, 2004, p. 7-24, 3 v. Disponível em: http://leguaemeia.uefs.br/2/2_07-24manifesto.pdf. Acesso em 25/09/11.

FREYRE, Gilberto. 3. Diário de Pernambuco. Recife, 13 ago. 1922. Coluna: Artigos Numerados. Artigo publicado em: FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor 1918-1926*. São Paulo: IBRASA, 1979. p. 253-255. 1 v.

_____. 29. Diário de Pernambuco. Recife, 4 set. 1921. Coluna: Da outra América. Artigo publicado em: FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na*

adolescência e na primeira mocidade do autor 1918-1926. São Paulo: IBRASA, 1979. p. 136-138. 1 v.

_____. 30. Diário de Pernambuco. Recife, 11 set. 1921. Coluna: Da outra América. Artigo publicado em: FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor 1918-1926*. São Paulo: IBRASA, 1979. p. 139-142. 1 v.

_____. 34. Diário de Pernambuco. Recife, 13 ago. 1922. Coluna: Artigos Numerados. Artigo publicado em: FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor 1918-1926*. São Paulo: IBRASA, 1979. p. 341-343. 1 v.

_____. 43. Diário de Pernambuco. Recife, 13 ago. 1922. Coluna: Artigos Numerados. Artigo publicado em: FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor 1918-1926*. São Paulo: IBRASA, 1979. p. 366-368. 1 v.

_____. 53. Diário de Pernambuco. Recife, 13 ago. 1922. Coluna: Artigos Numerados. Artigo publicado em: FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor 1918-1926*. São Paulo: IBRASA, 1979. p. 16-17. 2 v.

_____. 60. Diário de Pernambuco. Recife, 13 ago. 1922. Coluna: Da outra América. Artigo publicado em: FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor 1918-1926*. São Paulo: IBRASA, 1979. p. 228-231. 1 v.

_____. 60. Diário de Pernambuco. Recife, 13 ago. 1922. Coluna: Artigos Numerados. Artigo publicado em: FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor 1918-1926*. São Paulo: IBRASA, 1979. p. 36-38. 2 v.

_____. A propósito de regionalismo no Brasil. Recife: Diário de Pernambuco, 1925, *apud* AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984. p. 225-227.

_____. Do bom e do mau regionalismo. Recife: Revista do Norte, 1924, *apud* AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984. p. 219-220.

_____. Livro do Nordeste. Recife: Oficinas do Diário de Pernambuco, 1925, *apud* AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984. p. 228-229.

_____. *Manifesto Regionalista de 1926*. Recife: Região, 1952. Disponível em: <<http://prossiga.bvgf.fgf.org.br/portugues/obra/opusculos/manifesto.htm>> Acesso em 22/11/11.

_____. Nordeste separatista?. Diário de Pernambuco. Recife, 26 mar. 1926. Artigo publicado em: FREYRE, Gilberto. *Tempo de aprendiz: artigos publicados em jornais na adolescência e na primeira mocidade do autor 1918-1926*. São Paulo: IBRASA, 1979. p. 277-280. 2 v.

_____. *Vida Social no Brasil nos Meados do Século XIX*. São Paulo: Global, 2009.

INOJOSA, Joaquim. Os sonhadores do Sul. Recife: A Província, 1922, *apud* AZEVEDO, Neroaldo Pontes. *Modernismo e Regionalismo: os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984. p. 195-197.

MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1995. 5 v.